

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA  
**TERRA DA FRATERNIDADE**

54 recados para José Afonso



**EXPOSIÇÃO**

Palácio de São Bento  
Andar Nobre

5 de junho a 27 de setembro de 2024

# TERRA DA FRATERNIDADE

JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

54 recados para José Afonso

Amigo, Fraternidade, Liberdade,  
são três palavras, das mais preciosas, cujo valor  
parece correr risco, sujeitas como estão a enorme desgaste  
da banalização, da erosão, do esquecimento.

Cientes desse perigo, queremos resguardá-las  
como se tratasse de um segredo. Já muitos  
as trazem em surdina e meio ocultas.

Assim privadas da claridade, vão-se  
desvanecendo nas múltiplas imagens que  
cada um tece a seu propósito. Cada vez que  
as evocamos é quando nos apercebemos como  
estão desbotadas, como vão perdendo nitidez,  
tal como as velhas fotografias que guardamos  
nos álbuns ou nas gavetas.

Tomo, por exemplo, a palavra liberdade.  
Em mim, quando ecoa, faz surgir uma  
paisagem abstrata, desfocada, que flutua  
e balança num vaivém suave tal como  
as nuvens ou searas ao vento. Como tantos  
de nós, aprendi a saborear essa palavra mágica  
desde a manhã cristalina. Mas o tempo  
dilui tudo. Muitos já quase esqueceram  
o mundo cinzento e o medo de onde  
renascemos.

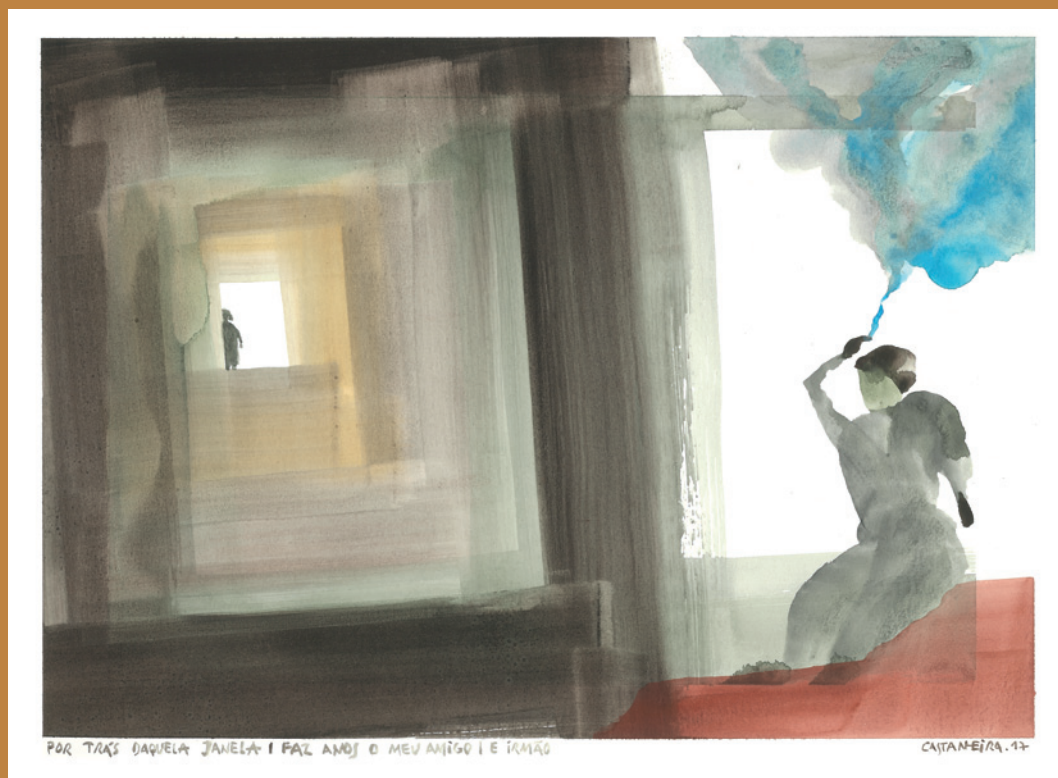
Outros, os mais novos, pouco sabem do que  
falamos. Nessa inesquecível madrugada,  
os heróis de Abril removeram o alçapão que  
nos soterrava, fazendo despertar a palavra  
aprisionada para a claridade.

Quando ela emerge, aparece gravada sobre um  
velho pano de fundo numa atmosfera atemporal  
de silêncios, inquietações e aventuras. Dessa  
amálgama nublada, entre fragmentos de ruídos,

cores, vozes, poemas, música, surge sempre  
o Zeca, de cujas cantigas nos alimentávamos  
nesses subterrâneos descoloridos de onde  
viemos.

Foi na Trafaria que conheci o José Afonso,  
quando, generosamente, participou nos ciclos  
de cultura que organizámos de 1976 a 1981  
no Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria  
(GITT), o meu primeiro teatro.

Anos depois, já como professor nas Belas-  
-Artes, organizei um primeiro espetáculo  
de fim de curso, em 1983, no Teatro São Luiz,  
e convidei o Zeca. Com muita dificuldade,  
a terrível doença avançava, veio de Azeitão  
ver o seu *Canarinho* coreografado e dançado  
pela Olga Roriz e Gagik Ismailian. Poucos  
meses depois, já em 1984, tivemos-lo no  
Teatro na Caixa, na antiga Fábrica de Cerâmica  
Lusitânia, no Arco do Cego, certamente  
atraído pela poesia de Yannis Ritsos na  
*Sonata* encenada pelo Paulo Filipe  
e interpretada pela Maria Emília Castanheira  
– acabámos em nossa casa, na Costa de  
Caparica, noite fora, onde, sempre apoiado  
pela Zélia, nos confessou episódios recentes  
de como estava a ser vítima da insensatez e da  
ingratidão por instâncias políticas e académicas,  
insensíveis e indiferentes à sua progressiva  
incapacidade.



E nós dois ali incrédulos perante o que ouvíamos! Fascinados por o ter em nossa casa, mas estupefactos pelo que estava a acontecer a um símbolo vivo do nosso Abril. Como foi possível? A sua música, poesia e voz são uma matriz da nossa liberdade e integram sempre o perfume dessa palavra maior. Passaram 50 anos, passaram muito depressa. Ao longo deste tempo senti, bastas vezes, que a palavra essencial parecia vacilar. Aquela que tanto custou a conquistar, a LIBERDADE. E, quando me vejo nessas inquietações, pela névoa da mente, lá vem ele, sempre, o Zeca em contraluz, determinado, a dizer-nos “TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM”. Foram esses instantâneos, mistura de extraordinárias cantigas com acontecimentos, que num gesto intuitivo me conduziram ao impulso de pintar estas aguarelas. Na onda desse estímulo, o meu pensamento foi também para Grândola, para Setúbal, mas também para o Fanhais e para o José Mário Branco, o Sérgio Godinho, o Luís Cília, entre outros. Cinquenta e quatro recados para o Zeca, pintados num gesto espontâneo de gratidão e admiração – há muitos anos guardados – que, seguindo uma ideia de Catarina Romão Gonçalves, vão habitar a CASA DA DEMOCRACIA.

#### JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

Cenógrafo, arquiteto, pintor, professor. Doutorado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Consagrado internacionalmente após o Centro Georges Pompidou lhe dedicar uma retrospectiva (1993), cruzou-se com grandes mestres como Georges Banu, José Triana, Fernando Arrabal, Jersy Grotowski, Guy-Claude François, Yannis Kokkos, Jorge Dubatti, Juan Mayorga, Luc Boucris, Ricard Salvat, José Luis Gomez, Aderbal Freire-Filho ou José Sanchis Sinisterra. Realizou mais de 300 cenografias em vários países. A par das criações, dirigiu também ações de formação e investigação na Argentina, Alemanha, Bélgica, Brasil, Croácia, Cuba, Espanha, Grécia, França, Hungria, Inglaterra, Itália, México, República Checa e Suíça. Integrou o júri da Quadrienal de Praga (1995) e a curadoria da representação portuguesa (2015). Em 2017 integra os júris de doutoramento em Estudos Teatrais da Sorbonne Nouvelle/Paris e em 2021 preside ao júri do Festival Internacional de Almagro (Espanha). Recebeu vários prémios, nomeações e distinções nacionais e internacionais. Em 2022 é a personalidade do ano homenageada pelo Festival Internacional de Teatro de Almada e em 2013 recebe a Medalha de Ouro – mérito cultural cidade de Almada. Fez a cenografia para o filme *Vai e Vem* de João César Monteiro (2002). É membro da Real Academia de Belas Artes e também da Academia de Artes Cénicas de Espanha. A coleção, agora presente, *Terra da Fraternidade*, surge na sequência de alguns projetos em cenografia ou pintura, que resultaram de diálogos que estabeleceu com a poesia de Luís Cernuda, Alberto Pimenta, Fernando Pessoa, Yannis Ritsos, Yvette Centeno, José Guardado Moreira, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge de Sena, António Salvado, Fernando Tordo e Sor Ana de la Trinidad.



## Sei dos cravos vermelhos

Aldina Duarte, fadista

Sei dos cravos vermelhos que cabem de pé em todos os cantos nascidos do silêncio: nos sorrisos gravados em lábios vermelhos das mulheres e homens que se beijam sem medo; nos braços que não se cansam de abraçar; nas mãos envelhecidas procuradas por todas as crianças; no encontro dos sexos consagrados pela felicidade; nas pétalas mordiscadas pelo embaraço do encontro de tantas dores e alegrias.

A voz da água, Zeca, que dilui na tela as cores do pintor alado, José, eternos enamorados pela liberdade sem fim.



## Como se fossem pássaros

Alice Brito, escritora, advogada

(...) Talvez fraternidade seja uma palavra de ouro na obra de José Afonso.

Encontramo-la também nesta exposição que agora olhamos, tentando ler, adivinhar na sua profundidade e complexa simplicidade, os sentidos variados que as imagens contêm. Cada verso, um tom, um perfil, uma imagem ou traço. Cada melodia uma emoção superlativamente composta, cantada, escrita, ouvida e aqui pintada 54 vezes. O seu autor, que agora expõe e se expõe, tem nesta mostra parte da sua alma, a que o engenho e arte se aliam. Produz nestas pinturas microcenários do grande teatro de um tempo que é imperioso ser contado. É, pois, cúmplice na tarefa ingente do resgate de uma época que comparece a cobrar o seu papel na História coletiva.

(...)

## Recuperando a minha memória

Eric Nepomuceno (Rio de Janeiro), escritor, jornalista

(...) em abril de 1974 eu tinha vinte e cinco anos e vivia exilado em Buenos Aires. E pouco depois das dez da manhã portenha daquela quinta-feira, dia 25, recebo um telefonema de meu fraterno amigo Eduardo Galeano, o imenso escritor uruguaio que também vivia exilado na cidade, o autor de *O livro dos abraços*, da trilogia *Memória do fogo* e de *As veias abertas da América Latina*. Ele estava aflito ao telefone, e disse: «Chego em vinte minutos.» Chegou em quinze. Mal entrou, pediu que eu ligasse a televisão, coisa que não havia na casa dele. A Argentina vivia dias de tensão máxima, achei que alguma coisa grave estaria acontecendo. Que nada: era a Revolução dos Cravos. Um alento para as nossas almas de exilados ainda jovens, uma explosão de esperança. Se Portugal tinha conhecido o fim de tempos de breu, de crueldade, quem sabe algum dia chegaria a vez no Uruguai e no Brasil, nossos países? Nunca mais *Grândola vila morena* saiu da minha memória e da minha vida. A canção e a Revolução dos Cravos formam um só fato, uma só memória. E hoje, passado meio século, ouço a canção e torno a ser jovem. Vejo os quadros do Castanheira recuperando a minha memória. Vejo tudo e me sinto acalentado. Na minha próxima ida a Portugal, vou até Grândola.



## Uma canção do Zeca no jardim do Paço

Fernando Alves, jornalista

(...) Toda a seara é um guache teu. ‘Lá vai uma, lá vão duas / Três pombas a descansar’. Ei-las pousadas, aos pés de Eunice, três barcos voadores no céu de *As troianas*. ‘Cobre-te, canalha, na mortalha’. Que te distinguirá do insigne cadáver impronunciável, no palco de *Los enfermos*? Eis o mesmo fino e absoluto traço, o ínfimo colosso, toupeira esburacando a *Longa jornada para a noite*. Eu vou ver como a toupeira, porque no esplendor da luz mais baça dás-me uma cenografia de estrelas. Eu vou ser a toupeira-nariz-de-estrela, porque do prodígio do teu traço se rasgam cortinas sobre a boca de cena e casas maiores que a minha arte de as habitar, e porque a tua têmpera canta uma *Cantiga do monte*. Reconheço-me nestas formas com que nos trazes farrapos de canções como me reconheço nos teus formidáveis esquiços com gente dentro quando se apaga a luz da sala.

Caro José Manuel Castanheira: Sempre que vou ao jardim do Paço, para onde convergem todos os caminhos, na tua cidade, demoro-me na escadaria dos reis e em dois ou três versos de António Salvado e no Paraíso que inventaste para os guardar com a discreta elegância de um tratador de buxo. Doravante, ecoará, nessas visitas, a toada de uma qualquer canção do Zeca. Com estas cores tuas. É tanto o que te devemos. (...)



## Amigo maior que o pensamento

Guadalupe Magalhães Portelinha,  
vice-presidente da Associação José Afonso

(...) José Manuel Castanheira deixou-se agarrar pela beleza, qualidade e também pelas mensagens que irradiam da obra de Zeca e realizou um trabalho notável de interpretação plástica, com extrema delicadeza e talento, proporcionando-nos enorme prazer visual, nesta belíssima junção de música, poesia e pintura. Com estas magníficas pinturas, José Manuel Castanheira exprime com muita delicadeza e com enorme respeito a pertinência e beleza das palavras retiradas dos poemas de José Afonso e dá-lhes luminosidade, utilizando cores discretas, não impositivas, desenhando figuras representativas de mensagens vindas do fundo do tempo e que com ele, com os seus pincéis e mistura de pigmentos milagrosos, ganharam novas vidas. Perante esta feliz mostra, observa-se com mais certezas como a canção, em Zeca, surge de uma partilha em que as palavras gostam de si mesmas e transportam dentro delas uma musicalidade e pulsação naturais, enquanto a música, por sua vez, desperta as palavras que estão adormecidas nela. «São matérias-primas partilhadas», como dizia George Steiner. (...)

## O Zeca faz-me muita falta

Luís Cília, músico

(...) Conhecemo-nos pessoalmente, creio que em 1970, quando ele foi cantar a Paris. Houve logo uma grande empatia entre nós e tornámo-nos amigos para sempre. Quando o visitei, em Azeitão, vendo a terrível doença, mal cheguei ao carro para regressar a Lisboa, chorei convulsivamente perante a injustiça da doença que tirava o Zeca do nosso convívio.

Os anos passaram e a sua música e poesia não sofreram uma ruga. Mantêm-se com a força e qualidade de sempre. Apanágio dos grandes criadores... O ZECA FAZ-ME MUITA FALTA.

(dias depois)

Castanheira, estive a rever as pinturas. Gosto muito deste teu trabalho sobre o Zeca. Para além da admiração, não sei o que mais dizer. És um mestre. Um abraço amigo. Luís



## O caminho entre o branco e o negro

José Pacheco Pereira, professor, cronista, político

(...) Nas suas representações pictóricas de Zeca Afonso, José Manuel Castanheira mostra o universo do cantor quer nos mais luminosos, quer nos mais obscuros versos, porque o Zeca não era de simplificações. Ele sabia muito bem que nada é a preto e branco, e sabia também que essa perplexidade fundamental da vida não podia bloquear a ação. Claro que há a ‘terra morena’, as ceifeiras, o Alentejo, o ‘traz outro amigo também’, a iconografia clássica da oposição. E claro que há o amor como intenção ou realidade, sempre o elemento que escapa a tudo. Mas há também o outro lado, aquele em que Castanheira é mais certo e criativo, até porque esse lado é menos conhecido em Zeca Afonso, aquele em que os dias negros da ditadura passam dos campos e da rua, para dentro, onde a escuridão de fora passa a negrura de dentro. Aquele em que a miséria, a opressão, a dureza do trabalho quotidiano, representa um ‘mau viver’. Para um laico que não acredita em qualquer prémio ou reparação do sofrimento terrestre no Além, viver mal é sempre terrível. Veja-se a ilustração de Castanheira sobre o verso ‘Há quem viva / Sem dar por nada’ da *Mulher da erva*, traduzindo em imagem dessas vidas que passam sem destino e acima de tudo com enorme esforço e sem alegria, sem ‘manhã’. O mesmo para ‘ninguém responde a ninguém’ do *Rio largo de profundis* que Castanheira representa como um círculo negro à nossa volta. O ‘trilho do silêncio’ é ‘vasto’ e não é líquido que esse silêncio seja habitado a não ser pelo ‘medo’. Castanheira valoriza sempre essa perplexidade e por isso este Zeca Afonso é menos habitual, menos comum, e isso é um grande mérito destas imagens. (...)

## Terra da Fraternidade

José Pedro Castanheira, jornalista

Acontece certamente a todos: há manhãs em que uma pessoa acorda com uma música no ouvido, que teima em nos acompanhar, sabe-se lá porquê, durante o dia todo. Umas vezes, persiste, insiste e perdura dias a fio algures numa zona nebulosa do cérebro. Outras, desaparece num ápice, como que por magia, e, na manhã seguinte, por mais esforços que se faça, não volta a aparecer – sumiu-se pura e simplesmente, não deixando traços, nem pistas, nem sombra de memória. Pois desde que o José Manuel Castanheira me convidou para deixar o meu testemunho neste catálogo que certas músicas de José Afonso não me largam. A razão profunda, deixo-a aos psiquiatras, neurologistas ou outros estudiosos do cérebro, que acredito serem mais capazes de encontrar uma relação que associe a causa ao efeito. Não sendo propriamente um músico, muito menos um *expert* da obra de José Afonso – que nunca fui capaz de referir como “o Zeca”, como muitos fazem questão de o mencionar, ostentando alguma familiaridade –, mas tão só um melómano amador, conheço quase toda a sua obra, mais em termos melódicos que nas respetivas letras, que a memória é seletiva, e com o avançar da idade mais exigente se torna. (...) Habitado a ver a criatividade e a expressividade do José Manuel naqueles dois tipos de suportes, jamais o imaginaria a atrever-se a fazer pequenas aquarelas, a maioria das quais com a dimensão de um postal ilustrado. Espanto absoluto – e um regalo para a vista, que é em simultâneo um encantamento para o melómano. E se me é permitida uma escolha, eu faria duas: as números 40 (‘Dei-lhe uma rosa encarnada / Para de mim se prender’) e 5 (‘As andorinhas não param / Umas voltam outras não’), ambas em torno da mesma canção, *Cantigas do maio*, do álbum com o mesmo nome, de 1971, talvez aquele que, volvidos 53 anos, ainda mais vezes me zumbe ao ouvido ao acordar (...)

## Um ‘encontro’ feliz

José Carlos Vasconcelos, jornalista, escritor

É decerto inesperado, surpreendente, este ‘encontro’ de versos de “cantigas”, como ele lhes chamava, do fantástico criador, autor/compositor/cantor José Afonso, com os traços e as cores das pinturas do raro criador, pintor/arquiteto/cenógrafo José Manuel Castanheira. Encontro inesperado, surpreendente – mas muito feliz! Castanheira caracteriza-se nomeadamente pelo rigor do seu trabalho nas diversas disciplinas artísticas que pratica. Só que o seu exigente rigor tem na base uma fértil imaginação – e a fecunda junção ou fusão das duas coisas contribui decisivamente para a alta qualidade de tudo o que faz. Como é agora o caso. Caso em que a imaginação do artista está desde logo em ter-se lembrado de escolher para tema ou pretexto das 54 pinturas, em têmpera e pastel, aqui expostas, versos de José Afonso para músicas de sua autoria que cantava. E está, depois, na forma como recria, na sua linguagem específica de pintor, esses versos ou fragmentos de letras. Sem esquecer, sem lhe sair do ouvido, creio eu ao olhar para estes trabalhos, a música das ditas cantigas; e mesmo a sua contextualização, o seu sentido mais profundo. (...) Na recriação por José Manuel Castanheira das palavras do inigualável cantautor – que com inteira justiça se tornou um dos símbolos maiores do 25 de Abril, da revolução libertadora de que agora celebramos os 50 anos – está sempre presente a qualidade do pintor. Mas não menos a do grande cenógrafo, de reconhecido prestígio nacional e internacional: olhamos para essas obras e estamos a ver ou adivinhar um grande palco com o cenário ideal para o Zeca cantar, por exemplo, *Traz outro amigo também*, *Cantigas do maio*, *Eu vou ser como a toupeira*, *O avô cavernoso* (‘as flores de malva murçam devagar’), o *Coro da primavera* (‘Livra-te do medo que bem cedo há de o sol queimar’). Ou, das *Cantigas do maio*, ‘As andorinhas não param / Umas voltam outras não’, como outras uma bela pintura independentemente de quaisquer palavras que lhe tenham servido de mote. (...)





## FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO  
Terra da Fraternidade –  
54 recados para José Afonso

AUTOR  
José Manuel Castanheira

ORGANIZAÇÃO  
Assembleia da República

Edições Assembleia da República

ISBN 978-972-556-852-1

Junho 2024

[www.parlamento.pt](http://www.parlamento.pt)